

1

Eu sabia que terminaríamos, eu

Eu sabia que terminaria-
mos, eu sabia que era uma viagem sem destino, sabia desde o início e não sabia, não sabia que doeria tanto, que era tanto, que era muito mais do que se pode saber, ninguém pode saber um amor, entender um amor, tanto que terminou sem muito discurso, foi uma noite em que você quase pediu, me deixe. Ora, pra que me enganar: você *realmente* pediu, sem pronunciar palavra, você vinha pedindo, me deixe, olhe o jeito que te trato, repare em como não te quero mais, me deixe, e eu, de repente, naquela noite que poderia ter sido amena, me vi desistindo de um jantar e de nós dois em menos de dez minutos, a decisão mais rápida da minha

vida, e a mais longa, começou a ser amadurecida desde o dia em que falei com você pela primeira vez, desde uma tarde em que ainda nem tínhamos iniciado nada e eu já amadurecia o fim, e assim foi durante os dois anos em que estivemos tão juntos e tão separados, eu em constante estado de paixão e luto, me preparando para o amor e a dor ao mesmo tempo, achando que isso era maturidade. Que idiota eu sou, o que é que amadureci? Nada, nem a mim mesma, jamais deixei de ter 10 anos, nem quando tive 30, nem quando fiz 40. Nunca tive idade, ela de nada me serviu, ser lúcida sempre foi apenas uma maneira de parecer elegante, uma estratégia para a convivência. Você lembra como eu chorei aquela noite, lembra do fim, você não pode ter esquecido aquela cena, entramos em casa sem acender as luzes, você olhando para fora da janela enquanto eu derramava toda a minha frustração e meu desespero, como se a culpa fosse minha e não sua, ou fosse sua e não minha, como se existisse culpa para o término de um relacionamento que simplesmente não tinha mais combustível, nem mais estrada. Faz quanto tempo desde aquela cena? Eu consigo enxergá-la por vários ângulos, vejo você de costas pra mim, parecia um soldado, tão ereto,

em vigília de si mesmo, querendo saltar do terceiro andar, sair sem precisar passar pela porta, sem passar pelo adeus, e eu, curvada, amparada em algum móvel, demolida, e então, na cena seguinte, nós de frente um para o outro, mas com as cabeças abaixadas, você não queria ver meu rosto, e eu estava espantada com o seu, tão sereno, aliviado, quanto tempo faz, 15 minutos, vinte minutos desde que você saiu aqui de casa? Eu ainda estava quieta agora há pouco, eu ainda estava sem pensar e sem sentir, de repente me deu uma calma, nenhuma desgraça aconteceu, você desceu pelas escadas, eu fechei a porta do apartamento e não chorei mais, eu vi pela janela o seu carro saindo da garagem e não chorei, eu fui para o banheiro escovar os dentes, acho que escovei os dentes, não lembro, e botei uma camisola e fui pra cama e não chorei, não pensei, não senti, não chorei, entendi, não entendi, não pensei, não sei, acho que dormi.

— — —

Você não ligaria no dia seguinte, era domingo, fui até a cozinha lavar a louça, mas não havia louça para lavar,

o combinado era jantarmos fora na noite anterior, não jantamos, ninguém se alimentou, quanto tempo faz desde aquela noite, parece um século, foi ontem. Decidi seguir a rotina: o que eu fazia aos domingos de manhã? Eu caminhava, eu ia ao parque, então caminharei, mas falta você, coloquei o tênis, saí a pé de casa, falta você e não falta, o estrondo está diminuindo, o barulho cessou, será que eu já percebo o acidente? Dou uma volta no parque, duas voltas, três voltas, você não virá aqui me ver? Volto. Telefono pra minha mãe, não telefono pra você, conto pra ela que acabamos, meu relato é muito coerente, ela lamenta mais ou menos, já ouviu eu contar essa história antes, somos reincidentes em finais, mas agora é pra valer, quem me acredita? Eu não me acredito, mas agora não te quero mesmo, e eu já ouvi isso antes, de você, de mim, agora não tem mais volta – dei tantas voltas no parque, é tão ridículo caminhar pra lugar nenhum, para quem vou ficar magra e saudável? E voltei a dizer: não, mãe, acabou de verdade, e pela primeira vez reparei em minha voz tremida, pela primeira vez naquele domingo eu fraquejei, as palavras saíram entrecortadas, eu catava as sílabas que me fugiam, e ela do outro lado da linha fingia que não doía nela também.

Liguei o computador, escrevi, que é como organizo meu pensamento, escrevi e parecia que eu estava ditando a mim mesma um texto requeitado, agora acabou, agora é comigo, sei que vou conseguir, tenho meus motivos, e me dei várias explicações, tentei me convencer, eu estava tão racional, tão genial, eu quase consegui, e não almocei, zanzei pela casa, tomei um banho, troquei de roupa, tirei suas fotos dos porta-retratos e desabei pela segunda vez, a primeira sem que você testemunhasse.

Guardei na gaveta aquela fotografia em que você estava de boné, parecia um garoto, me agarrando pela cintura. Guardei todas. Aquela outra, nós dois, eu de novo enlaçada por você. E uma de você sozinho, um flagrante, você não percebeu, bati a foto enquanto você lia o jornal, tão lindo, você era tão lindo, você ainda é o mesmo homem depois de ontem, o mesmo homem sem mim? Eu me olho no espelho e não me enxergo, não sou mais a mesma, perdi a identidade. Tirar suas fotos de vista me pareceu uma providência curativa, agora você não o verá mais, querida, vai esquecê-lo mais rápido, como somos inocentes. E eu lá quero esquecê-lo? Sua presença ainda está tão quente dentro

desse apartamento, o colchão ainda está meio afundado do lado em que você dormia.

— — —

Não sei se as pessoas choram de forma diferente umas das outras, eu choro contraída, como se alguém estivesse perfurando minha alma com uma lâmina enferrujada, choro como quem implora, pare, não posso mais suportar, mas o insuportável é uma medida que nunca tem limite, eu chorei no domingo, na segunda, na terça, em várias partes do dia e da noite, um choro de quem pede clemência, de quem está sendo confrontado com a morte, eu estava abandonando uma vida que não teria mais, eu sofria minha própria despedida, morte e parto, eu tinha que renascer e não queria, não quero, sinto que caí num vácuo, perdi a parte boa da minha história, e não quero outra, enquanto choro penso que se alguém me visse chorar dessa maneira me salvaria, prestaria socorro, chamaria uma ambulância, eu nunca vi você chorar, você alguma vez chorou por mim, você sofre a minha ausência, sente minha falta? Estar

sozinha nessa aflição me condói de mim mesma, é o labirinto do inferno, não há saída, não há saída, você não está me esperando lá fora, nem hoje, nem amanhã, você não vai fazer nenhum gesto para me resgatar, e se fizesse, eu não estenderia minha mão, e é isso que me faz descrever de tudo, eu sei que acabou, eu estava infeliz ao seu lado, eu estou infeliz sem você, mentira, eu era feliz ao seu lado, e nem sei se a palavra é essa, feliz. Felicidade é um resumo fácil, uma preguiça de investigar o muito mais que nos ergue diariamente, na época era o que me bastava, eu sabia onde estava e com quem, eu não estou infeliz, eu só estou perdida e não consigo mandar nenhum S.O.S., ninguém sabe onde estou, largaram meu corpo em cima dessa cama e ninguém me procura.

Choro, choro muito, choro agora feito uma guitarra dedilhada por um bêbado, sinto uma piedade inconsolável de mim, de tanto que recordo o quanto te quis e o quanto te admirei por amares a mim, era paixão inventada, paixão de doer, paixão de não dar certo mesmo, paixão de perder o tino, e perdi por completo, hoje tento compreender duas ou três frases e nem isso me cabe, ficou tudo sem lógica, eu que prezo tanto a lógi-

ca, não entendo mais nada, mergulhei no escuro da minha perplexidade, você era meu até bem pouco tempo, mas vou sair dessa, veja, já estou enxugando as lágrimas, procurando meu celular para fazer uma ligação qualquer, esses compromissos que a gente inventa para fingir que a vida continua. Marquei hora no cabeleireiro sem ter motivo algum pra ficar bonita.

Não consigo mais ser uma pessoa comum, dessas que conseguem ver uma novela sem se afligir e que dirigem prestando atenção apenas nos sinais de trânsito, agora eu só assisto à tevê com o controle remoto na mão para que eu possa trocar de canal a qualquer indício de que virá cena de beijo, não consigo ver um homem e uma mulher se amando, é como se fosse uma agressão pessoal, vamos massacrar essa coitada, vamos fazê-la lembrar, mas não, eu não fico lembrando de nós dois, é muito mais torturante que isso, eu fico imaginando você com outra mulher, você beijando outra mulher, e isso me dá uma náusea que quase me faz des-

maiar, fico em posição fetal, eu penso que vou ficar louca, como se já não estivesse, eu não posso ver uma foto de mulher bonita que já imagino o quanto você vai se interessar por ela, e vai desejá-la, eu passei a ter ódio de todas as mulheres que cruzam seu caminho, meu caminho. E no trânsito, eu só tenho olhos para as placas dos carros que são da mesma cor e marca que o seu, e quando um se aproxima eu rogo a Deus para que não seja você, e ao mesmo tempo quero que seja, e às vezes consigo não olhar, me sinto tão valente, consigo por minutos olhar só em frente, não reparo em nenhum veículo a minha volta, é como se estivesse sozinha na avenida, e é nessas horas que corro o risco de bater, eu acelero sem perceber e depois freio muito em cima dos outros carros, eu saio da minha pista sem sinalizar, eu esqueço pra onde estou indo, eu vejo você caminhando pelas calçadas e não é você, de repente todos os homens do mundo ficaram idênticos a você, e eu ainda não me envolvi num acidente por um triz, ou talvez já esteja mais do que acidentada para ainda ter que enfrentar essa dor na carne, de verdade, sem ser apenas uma metáfora. Evito olhar os casais de namorados nas paradas de ônibus, e tem um painel publicitário

em que um homem olha para uma loira com um desejo tão escancarado que me retorço e choro só de imaginar você olhando assim para outra mulher, e eu sei que você está, ninguém precisa me contar, eu sei como é que você se cura, se trata, você não chora nem lamenta, você volta pra rua, você vai atrás de todas as mulheres nuas feito um vira-lata, você está olhando nesse instante para outra mulher, está entrando nela, dizendo a ela como ela é gostosa, você está me matando dentro de você, e eu morro a quilômetros de distância, a sós comigo mesma, você transa com outra e me mata, você goza e me mata mais um pouco, você dorme e me deixa insone pra sempre, eu sei que não vai ser pra sempre, mas eu não enxergo o dia de amanhã, hoje eu só estou acordada pro eterno desse pesadelo, você era meu, droga, exclusivamente meu até dias atrás, meu como esse sofrimento.

— — —

É a parte quase engraçada da história, eu acordo de manhã depois de ter dormido apenas três horas, tomo banho, coloco uma roupa e vou até o supermercado

que fica a meio quarteirão aqui de casa, e então pego um carrinho, dou bom-dia pro segurança, escolho as marcas de minha preferência, peso as verduras, pago a conta e saio de lá sem ninguém desconfiar de que sou um fantasma, de que sou uma fraude, de que não sou eu que estou ali, estou apenas levando meu zumbi pra passear, pegar um ar e cumprir certas obrigações domésticas, já que algumas pessoas aqui em casa ainda precisam se alimentar, enquanto eu as assisto comer, abismada com a fome do mundo. Uma sorte eu ser dessa época, o século dos individualistas, ninguém mais se atém ao rosto dos outros, quem saberia dizer a cor dos olhos do seu melhor amigo? Um exército numeroso de invisíveis, e eu me valho dessa invisibilidade para sair de casa como se eu fosse uma mulher em total domínio dos meus atos e sentimentos, uma criatura confiável que não vai estacionar na vaga para os paraplégicos nem esquecer de trancar a porta do carro e que vai até sorrir de volta para a conhecida que lhe deu um cumprimento quando se cruzaram no corredor dos enlatados. Tudo bem?, ela me pergunta. Tudo bem. Hoje está um dia assombrosamente calmo e eu quase lembrei de como era a vida quando eu estava viva.

— — —

No segundo dia eu sumi com sua escova de dente, que ficava ao lado da minha, as duas grudadas de forma indecente, como nunca mais ficaremos, tirei a sua de perto, mas não tive coragem de jogá-la fora, abandonei-a numa gaveta na esperança de que você viesse um dia e não veio. Hoje a peguei entre as mãos e cheirei as cerdas em busca de um resto de saliva sua, do odor da sua boca, e me senti estúpida e digna de pena, joguei na lixeira sua escova e fiquei me sentindo um pouquinho pior, porque nada me serve, nenhum ato que pareça maduro é maduro de fato, mas o que me resta? Tenho que faxinar você da minha vida, não posso permitir o atrevimento de você estar aqui sem estar aqui. Não ouço mais música, todos os discos foram escutados em sua presença, nas nossas noites e também ao acordar, a casa sempre sonorizada, você não gostava de silêncios, nunca estive com você sem que houvesse música e isso agora me intriga: por que o silêncio te incomodava tanto? Nas nossas viagens, música, música, muita música, e quando a estrada era longa às vezes eu cansava do barulho, diminuía o volume ou desligava o som e você

reagia, e eu sigo desligando, interrompendo as músicas que ouvíamos na sala, no carro, pois cada verso, cada letra, é de mim que falam, da sua ausência, da minha dor, do seu novo amor. Quem é ela, tão mais linda e jovem que eu, tão mais nova em sua vida, tão feliz com a sua chegada, tão cheirosa pra você, como você consegue dizer pra ela o que me dizia semana passada, você já disse que a ama? Você levou quatro meses para me dizer e nunca mais parou, você era perdulário com as palavras, não havia um único dia em que eu não escutasse de você o quanto me amava, dizia no meu ouvido ou através de bilhetes, te amo, te amo, como é que você fez para incinerar todo esse amor em tão pouco tempo, onde o escondeu, em algum guarda-volume de rodoviária, enterrou em algum matagal, como é que seu amor foi desaparecer sem deixar pista, rastro, feito um crime perfeito? A primeira vez que eu disse que te amava foi depois de uma transa, uma das nossas primeiras, e eu me surpreendi com o que havia dito, porque ao contrário de você, sou econômica nas declarações, mas as palavras saíram de mim como num gozo, sem controle, eu mal te conhecia e de dentro de mim saiu

aquele te amo com uma voz que era a minha, porém num tom mais leve e de uma sinceridade que me comoveu, te amo, e também nunca mais parei, e nunca vou parar, te amo e quero te matar, queria que você evaporasse, onde é que eu te incinero, te escondo, te enterro, me conta onde fica esse esconderijo secreto, o mesmo onde você sumiu com todos os eu te amo que me disse.

— — —

Recebo um aviso da minha operadora de telefonia de que há um celular novo e grátis a minha espera, como se fosse Natal, venha buscar seu presente, e eu corro para o shopping porque finalmente tenho um compromisso inadiável e esse é o verdadeiro prêmio, agora tenho algo pra me ajudar a esquecer de você por três segundos, tenho que buscar um novo celular, que acontecimento, que espetáculo, um aparelhinho com a caixa de mensagens vazia, sem um único torpedo seu: merda, já estou pensando em você de novo. Uma caixa de mensagens vazia, que excelente método de tortura.

O que faço com o aparelho antigo, aquele lotado de torpedos que nunca apaguei, em que você dizia que nunca havia amado ninguém como amava a mim, e nossas brincadeiras, e os “bom dia, linda” e os “boa noite, amor” e todos os nossos segredos. Faço o quê com o aparelho antigo, com o aparelho que registrou todos os nossos telefonemas intermináveis, dou o mesmo fim que dei à sua escova de dente?

Não sei se devo registrar seu número no meu novo celular, se coloco na agenda seu nome, não sei se alguma vez ele vai tocar com você chamando no outro lado da linha, acho que nunca mais e isso me apavora, o “nunca mais” que me persegue desde o momento em que acordo e que me dá medo e me faz voltar a ser criança, medo de nunca mais viver o que vivi, sentir o que senti, medo de não conseguir aguentar viver sem você e o medo maior de todos, que é o de enlouquecer, porque o que me resta de sanidade me avisa: estou pirando, eu sei. Esse final de amor me roubou o juízo, eu era uma mulher de classe, uma mulher consciente, eu não perdia o chão desse jeito, eu já sofri outras vezes, mas sofria com mais discernimento, sem essa vertigem

que faz parecer que a queda não tem fim e que não vou acordar tão cedo.

Saí da loja no shopping, entrei no meu carro, sentei e fiquei ali parada no estacionamento com o novo celular na mão, pensando: vou adicioná-lo na agenda, e com as lágrimas já escorrendo fui teclando letra por letra de um nome que estava sendo digitado apenas para me iludir um pouco mais, quem sabe um dia seremos amigos, você me liga no meu aniversário, e eu atenderei sem nenhum sobressalto, achando tudo muito natural, vai ver eu até já terei outro namorado, e você será uma lembrança afetiva do meu passado, será que essas civilidades acontecem mesmo ou a gente nunca esquece, nunca, nunca, nunca esquece um amor vivido de forma tão audaz? Você me laçou, me prendeu, fui com você arrastada pelo seu ímpeto, pela surpresa em me ver de um dia para o outro sua, você que era apenas uma fantasia, um fetiche, era pra ser apenas um “se” na minha vida, se ele existisse, se me desejasse, se surgisse, e você surgiu e instalou o céu e o inferno no mesmo playground.

A primeira pessoa que telefonou para meu novo celular não foi você, e a segunda também não.

— — —

Estou com o corpo que sempre sonhei. Minha barriga sumiu como que por milagre, meus ombros são dois ossos pontiagudos, as minhas calças sobram na cintura, tivesse 20 anos menos ainda poderia arriscar uma carreira de modelo anoréxica, mas só o que me resta agora é trocar as peças do guarda-roupa. A dieta da dor de cotovelo funcionou melhor do que um photoshop, perdi 3 quilos, eu que achava que não havia mais nada a perder. É o momento de percorrer as lojas da cidade, dizem que é uma eficaz compensação, mas não quero deixar de usar as roupas que usava, não quero vestir cores que não sei se você iria gostar, não quero virar a página, enxergar no espelho uma mulher que você nunca irá ver, ficar bonita como nunca fiquei pra você, porque a dor é a última ligação que mantenho com nossa história, ninguém pode me obrigar a seguir adiante, eu quero ficar onde estou, mesmo sem você, mas, de uma forma estranha, ainda com você, esse você que hoje já não é mais aquele que viajou por tantas estradas ao meu lado, que me levou a uma espécie de transe de tanta alegria, eu não racionalizava mais, a Miss Cere-

bral ofertou dois anos sabáticos para seus neurônios, não havia o que pensar, apenas exigência de viver, eu nunca tinha me permitido isso, estar totalmente entregue a um corpo, a um homem, a um arrebatamento que visto de fora ninguém daria crédito – ou será que alguém percebia? Eu me entreguei a você porque não pensei. Se pensasse, não faria. Eu estava tão cansada de mim quando você surgiu, meu único sonho de consumo era um leito de hospital e sedativos, eu nem suspeitava que o remédio era simplesmente me permitir ser conduzida, e fui, você passeou comigo pelos cenários mais idílicos e mais lamacentos, sem me dar tempo de perceber onde meus pés pisavam, você me pariu de novo e agora não aceito devolução, não me quero de volta, não aquela, não a pré-você, a ex-você, não nasci para ser sua ex, para ser seu passado. Como é que você não sente do jeito que eu sinto, como é que pode ter se entorpecido por outra mulher tão rapidamente a ponto de ignorar meu desespero? Quem é você, um crápula ou um homem decente? Nenhuma mulher apaixonada aceita essa esnobação sem planejar assassinatos múltiplos, você corre o risco porque sabe que sou ponderada, ponderação é uma farsa que sustento bem. Não vou

matar você e não posso matar a mim, não tenho essa valentia, essa garra, essa vileza, não vou dar o gostinho aos meus parentes de me verem nas primeiras páginas dos jornais, e muito menos vou dar esse gosto aos seus, que sempre desconfiaram da minha exagerada lucidez, que mulher é essa tão nutrida de si mesma?

— — —

Parece um nódulo, tem consistência de nódulo, e ficou roxo menos de cinco minutos depois do tombo, um tombo ridículo, aceitável apenas para crianças, eu corri como uma menina desajeitada e caí de joelhos feito uma santa, mas não foi por fé, e sim por aflição, meu celular começou a tocar no mesmo horário que você costumava ligar, eu na sala, o aparelho no quarto, e um tapete no corredor interrompeu minha disparada e me fez desabar. Ainda bem que estava sozinha em casa, ninguém para testemunhar o vexame dessa minha esperança vã, sonhar que poderia ser você com saudade, imaginar você do outro lado da linha dizendo que sentia minha falta e que eu não me deixasse abater por

especulações, que você era homem e resolvia suas carências de um modo diferente de mim, imaginar você ainda me amando em silêncio, dizendo para a outra as frases que gostaria de dizer para mim, delírios de uma mulher que ainda aposta, ainda acredita, envergonhada, que um amor sincero não morre por causa de uma tentação sexual paralela, que um amor como o nosso não se esvai, e ali de joelhos no meio do corredor, doída, com o tapete amarrotado por causa das minhas pernas bambas que não souberam atravessá-lo, ali fiquei até escutar a desistência da chamada, aquela que seria de qualquer outra pessoa que não você. Feito uma anciã bem velha em dia de folga da enfermeira, levantei devagar, machucada por fora, por dentro, me sentindo a mulher mais patética entre todas as mulheres do mundo, imaginando aquelas que naquele instante estariam jantando com seus amores e sorrindo com o rosto inteiro, plenas, mulheres amadas, levantei primeiro uma perna, depois a outra, consegui me erguer feito um filhote de girafa numa pista escorregadia, dei o primeiro passo, e o segundo, agora entendendo o benefício de uma bengala, na falta dela me amparando com as mãos

na parede, outro passo, e mais um, doendo, até chegar ao aparelho já mudo em cima da mesinha ao lado da cama. Teclei chamadas perdidas.

Era você.

Antes mesmo de discar eu já não te amava com a mesma insensatez. Bastou saber que você havia pensado em mim, fosse pela besteira que fosse, e meu coração já batia mais devagar, ganhava autoconfiança, eu podia voltar a respirar. Liguei e você atendeu no segundo toque, eu estava ouvindo a sua voz novamente, o mundo se reorganizava, parecia que eu tinha retornado de uma longa e exaustiva viagem, estava no conforto do meu quarto, na paz da minha existência cotidiana, assistindo à mudança dos fatos, o inesperado acontecendo, e eu ainda não fazia ideia do que viria. Você estava gentil, mas meu sossego durou apenas dois minutos e meio, os primeiros dois minutos e meio de uma conversa que terminou aos berros vinte minutos depois, vinte minutos de acusações, queixas, choros, vontade de falar de amor e não conseguir, vontade de pedir

para você voltar e a voz não sair, porque você confirmou, você disse que não era nada significativo, mas que sim, estava com outra mulher. Deixava de ser uma suspeita, uma fantasia, eu tinha esperança de que não fosse verdade, que fosse apenas coisa da minha imaginação diabólica, mas você confirmou, e depois eu não escutei mais nada, não queria saber da desimportância do fato, não acreditei quando você disse que ainda me amava, só o que eu pensava eram em vocês dois juntos na cama, nus, suados, se amando, sorrindo, aos beijos, abraços, se tendo, se agarrando, ela dona de você, ela podendo ligar pra você quando quisesse, ela na sua casa, tomando vinho nos cálices que eu te dei, ouvindo os discos que deixei com você, fazendo carinho no seu cachorro que era um pouco meu também, estacionando o carro dela na vaga que era minha, recebendo as chaves que eu devolvi pra você, ela era sua namorada agora, e eu era alguém em quem você ainda pensava, e eu não consegui me sentir grata por essa condescendência, nem vou, jamais. Como quer que eu acredite que tudo aconteceu por acaso, como é que em tão poucos dias você conheceu, paquerou e iniciou uma relação? Ela já estava na sua vida, você estava a fim dela antes de sair pela minha

porta, e isso agora não interessa mais, pois agora eu sei o que mulher nenhuma suporta saber, agora o tiro de misericórdia foi dado, não sei de quem você está se vingando, quem foi que lhe fez tanto mal para você descontar sua miséria em mim, mas está descontada, agora você pode se sentir quite com sua infância sem fotos, com sua adolescência sem rumo, com sua maturidade nunca alcançada, agora você pode se sentir um homem de verdade, e talvez eu deva mesmo lhe agradecer o favor que me prestou, agora você me secou, me drenou, agora eu odeio você e posso começar a planejar meu futuro, e olhe que outro bem você me fez, meu joelho parou de doer.

Eu hoje não tomei banho, está muito frio, a vida se tornou metálica, as paredes parecem de alumínio, o chão é uma pista de gelo. Não tive vontade de tirar o pijama, mas de pijama o dia inteiro não tem cabimento, coloquei qualquer trapo que encontrei no armário e vim para a sala ler meu horóscopo, que é a única coisa que me interessa no jornal, logo eu que nunca dei bola

para adivinhações. Não há nada de animador previsto para meu signo, então leio o seu e, segundo o astrólogo, está tudo correndo bem pra você, então decido que vou esquecer a data do seu aniversário, qual é o seu sol, a sua lua, o seu planeta, vou esquecer que você é de novembro, de Sagitário, de Saturno, de outra galáxia, não passo mais em frente à sua rua, delete seus contatos, esqueço seu rosto, não lembro mais o nome dos seus familiares, apago toda e qualquer recordação do passado, viro uma múmia, uma esfinge, uma estátua de pedra. Meu cabelo está sujo, faço um rabo de cavalo, não troquei as flores da sala, ontem era o dia em que elas chegavam frescas na loja, mas me esqueci de passar para comprá-las, as pétalas mortas das flores da semana passada estão caídas no chão, alguém precisa varrer. Pego um livro de psicologia, sei que há muitos trechos ali sublinhados, frases que destaquei alguns anos atrás, tento resgatá-las para saber se ainda fazem sentido, se conversam comigo, mas elas não me dizem mais nada, preciso ler outros livros, buscar consolo em ideias recém-escritas, talvez eu encontre algo que me faça rir, que consiga distrair meus pensamentos sem muito esforço, ou então eu deva ir ao cinema, mas só de pensar

em escovar os dentes, passar um batom, pegar o carro, não, nem pensar, estou absolutamente sem energia para tanta atitude, estou magra e pesando 200 quilos, um corpo afundado no sofá que virou uma espécie de alto-mar, o sofá que não me abraça, apenas me sustenta, me mantém à tona, mas não estou triste, e tampouco alegre, não estou sentindo nada, pode jogar água fervida no meu peito, eu não vou gritar, eu não vou levantar, eu não estou aqui, ninguém está me vendo, eu não estou me vendo. Por mim, sumiriam os espelhos da casa, e a tevê pode estar sintonizada em qualquer canal, nenhum deles me fixa a atenção, não lembro se estou de calcinha, se troquei de calcinha, e não me depilo há alguns dias, não preciso de pernas sedosas, não preciso de lingerie, eu só preciso respirar – inspira, expira –, isso ainda consigo fazer porque é inconsciente, hábito, costume, tudo o mais que me exige reflexões eu dispense. Uma amiga me mandou um e-mail dizendo que vai passar, tudo passa, e me convida para um drinque no final da tarde de amanhã, eu sei que não vou, mas ainda não respondi ao e-mail, amanhã eu respondo, vai passar? Já passou, querida, já passou, meu problema é o que ficou.

— — —

Às vezes dura dez minutos, às vezes um pouco mais. Quando dura 15, é carnaval. Fico 15 minutos trabalhando, concentrada, focada em algum assunto que não é você, e então tenho a impressão de que o processo de cura começou, mas os dias possuem bem mais do que 15 minutos, e em todo o resto de tempo é em você que penso, e eu me flagro incrédula, mortificada: faz de conta que não aconteceu, não aconteceu nada, fique calma. Ontem sonhei com você e tive quase certeza de que Deus não existe mesmo, pois Ele, em sua infinita bondade, não faria isso comigo: sonhei que você havia me buscado na saída. Saída de onde? Do teatro, do colégio, da minha vida? Caminhamos juntos pela rua, seu carro estava estacionado um pouco mais adiante, e eu estava quase alegre, você havia me buscado, me retirado de algum lugar para seguir com você, e quando chegamos no seu carro, dentro dele estava a outra, uma mulher no assento em que eu deveria sentar, gargalhando, debochada, uma mulher com pouca roupa e reclinada, desbocada, me mandando sumir porque agora você era dela, e você não soube o que dizer, calou, e eu

não soube para onde correr, como é que você havia esquecido uma mulher dentro do seu carro, como é que não teve o cuidado de lembrar, como pensou que poderíamos conviver os três no mesmo espaço? Acordei com uma dor semelhante à de uma agulha enfiada na veia, alguém estava retirando meu sangue, me vampirizando. Você, só podia ser você, que se me visse agora consideraria um exagero esse meu desalinho emocional, que diria que estou dramatizando, você que nunca passou por nada igual, mas talvez passe, tomara que passe, para poder entender. Não há inteligência que nos salve nessa hora, não há explicação, discernimento, só vibrações, as ruins e as péssimas. Soube de um cara meio bruxo que joga cartas, búzios, um homem que basta olhar no fundo do nosso olho para abrir um caminho e dizer o que vai acontecer, você sabe quantas vezes fiz esse tipo de consulta? Pois irei lá, será minha estreia no mundo das adivinhações. E agora, ouça essa: eu tenho rezado. Acredito em astrólogos, magos, duendes, cartomantes, charlatões, trevos de quatro folhas, por que não acreditaria também em Deus, nesse Deus que está quase me deixando? Todas as noites eu rezo pra Deus pedindo desculpas pelo meu sofrimento mesqui-

nho, menor. Tanta mãe que perdeu filho, tanto trabalhador que perdeu casa em enchente, tanto jovem que perdeu braço e perna, tanto cego e tanto pobre, tanta criança pedindo esmola de pés descalços, tanto desempregado humilhado, tanta gente pedindo dinheiro emprestado para não ter a luz cortada, tanta mulher que foi deixada depois de vinte anos de credulidade no amor e que ficou com os três filhos pra criar, pra sustentar, pra explicar, tanta gente chegando aos 70 anos, aos 80, olhando pra trás e não vendo sentido em nada do que foi vivido, se deparando com o tempo desperdiçado, e mesmo assim eu rezo e ocupo ainda mais a agenda do Senhor por causa de um traste que me trocou por outra sem me deixar filho nem despesa, sem me deixar aleijada ou sem teto, apenas me deixou, apenas me deixou, apenas isso. Pai de todos, tão atarefado e ainda tendo que se ocupar comigo, logo eu que nunca lhe dei crédito antes, pecadora por desprezo e falta, eu que nunca precisei, mas que agora ajoelho e imploro por bênção: Deus, Pai, Senhor, seja você quem for, tire esse homem do centro das minhas atenções.

Acordei com o despertador na mesma hora de sempre, antes das sete, mas com o agravante de que agora o inverno está mais intenso, não só o inverno metafórico, aquele do coração abaixo de zero que me destemperou emocionalmente, mas o inverno de junho, julho, agosto, aquele que me gripa, me acinzentava e me faz andar curvada, encolhida, com os ossos a ponto de quebrar, mas mesmo assim coloquei um par de tênis, uma calça de cotton, um casaco, e não me importando de que ainda estivesse semiescuro lá fora, fui caminhar, sentir o ar gelado no rosto, o corpo vivo, confiante no futuro. Dei voltas e voltas no mesmo parque em que tantas vezes nos divertimos, em que tanto namoramos, o mesmo parque, as árvores no mesmo lugar, porque é a única área verde aqui perto e não vou trocar de bairro por sua causa, ainda que eu desejasse trocar de nome, de rosto e de encarnação. Durante meu passo apressado, aeróbico, um homem bonito cruzou por mim e me cumprimentou sem eu nunca tê-lo visto antes, será que é marido de alguma conhecida, será que já fomos apresentados? Mais duas voltas no parque e novamente um sorriso tímido foi trocado por ambas as partes, eu nem sabia mais o que era isso e comemorei feito uma meni-

na de 12 anos vivendo o primeiro flerte da sua vida. Voltei pra casa, tomei banho e depois de muitos dias tive vontade de me vestir bem, mesmo que pra ninguém. Abri minha caixa de e-mails, havia muitas mensagens, me dei conta de que eu continuava existindo e aproveitei para responder àquele convite da minha amiga, topei um happy hour para o dia seguinte. Ela não demorou 15 minutos para me responder. Me propôs à queima-roupa: amanhã por quê? Vamos hoje! Te pego às seis. E com ela, num café lotado de gente charmosa, tive uma noite inteligente e divertida como não sabia mais ser capaz.

— — —

Ontem voltei pra casa meio alta, eu e minha amiga tomamos champanhe para comemorar minha liberdade, meu reencontro comigo mesma, meu futuro pela frente, tudo isso ela me disse, que eu era ótima, que eu voltaria a amar de novo, que minha relação com você já estava condenada, que foi melhor assim, e disse mais uma série de outros chavões que eu adorei ouvir, e tim-tim, saí de lá entusiasmada e fui dormir certa de que o pior havia

passado, até que hoje acordei às cinco da manhã e senti a mesma vontade de morrer.

A morte tem me visitado em horas diversas do dia, a ideia dela surge em conta-gotas, e muitas vezes não é a morte minha, mas a sua, o que facilitaria muito as coisas, você morto não me trai, você morto não me dá esperança de retorno, você morto não me enviará o e-mail que tanto aguardo, você morto é a tranquilidade certa da minha alma. Morrendo você, eu é que descansaria em paz.

Mas isso eu não digo pra você, eu adoraria te encontrar e te dizer os piores desaforos, te chamar de tudo, berrar os palavrões mais inqualificáveis, abalar teus brios, mas não faço nada disso, agora fico em silêncio tal como você, os dois manipulando um ao outro com a quietude, apostando num desaparecimento que sempre alimenta interrogações, você tem vontade de me procurar? Quem de nós dois vai resistir mais tempo? Quando não desejo você morto, alimento a fantasia de que você seria capaz de assaltar um banco para ficar comigo outra vez.

Não sei por que ainda considero importante que você me guarde na sua memória afetiva, se eu mesma

já não me dou a mínima. Que troca de vibrações telepáticas é esta que idealizo como um elo entre nós dois, quando o natural seria eu pensar apenas em mim e você em você, desconectando os fios, desenovelando essa nossa história, mas ainda quero te conquistar, por isso não apareço na tua frente, não te xingo, não te chamo de filho da puta, um pouco porque ter deixado de me amar não faz de você um filho da puta, mas principalmente porque tenho medo de que se houver em você um resto de amor por mim, esse amor irá por água abaixo quando você me ouvir te caluniar, te insultar, então me mantenho educadamente afastada, porque é a única saída que me resta para continuar sendo gostada por você, que absurdo, esse meu falso refinamento ainda é uma forma patética de sedução.

— — —

Lembro como era bom compartilhar minha felicidade com os amigos, falar pelos cotovelos sobre alegrias que soavam até ofensivas àqueles que não entendiam o que se passava no interior de um corpo em festa. Eu costumava ser uma alegoria ambulante. Agora a festa terminou, os

copos estão espalhados pelo chão, os pratos sujos, silêncio absoluto, ficou o vazio devorador de uma solidão impossível de ser contada. Qualquer coisa que eu fizer será inútil, o fim é uma parede, impossível atravessar, fica-se exatamente onde se está, inerte, até que uma porta, um dia, num passe de mágica, venha a ser desenhada no meu futuro. Mas, por ora, não existe futuro, não existe passado, não existe o tempo, eu olho a chuva pela janela e ela existe lá fora, eu não existo aqui dentro.

O desespero acalmou, virou uma tristeza amistosa que me impede de reagir, me impede de fazer planos, me impede até de sofrer – ela simplesmente me entorpece, imobiliza, é uma espécie de anestesia. Durma, querida. Durma, mesmo acordada. Durma, mesmo trabalhando. Durma e não preste atenção no que está acontecendo. Não está acontecendo nada mesmo.

Peguei meu carro num domingo e fui passar o dia na praia. Me levei embora de mim. Queria ver o mar, foi a desculpa que me dei. Não podia admitir que precisava ouvir uma pessoa estranha me contar o que há do outro lado desse abismo. Queria que alguém me enganasse com a melhor das intenções. Procurei o tal bruxo que não era bruxo, e sim proprietário de uma loja de artigos india-

nos. Mas chamá-lo de bruxo me faz parecer um pouco menos burra.

Era um sujeito muito alto, com mãos grandes, olhar opaco como o de um cego. Exatamente como eu havia sido advertida por quem o indicou. Me levou para um escritório ao lado da loja. Nos porta-retratos, fotos dele ao lado de políticos, artistas, jogadores de futebol. Quanta gente precisada de um engano bem gratificado. Eu ainda não havia dito nada e tampouco quis saber quanto me custaria a consulta com vossa excelência. Perguntou meu nome. Pronunciei meu nome calmamente, como se estivesse mentindo. Ele disse: “Você deveria ter vindo antes. Fazia tempo que não via uma mulher tão machucada.”

Não sei como consegui segurar as lágrimas. Talvez não tenha conseguido, pois a partir daí, por piedade ou paternalismo ou porque era o que ele estava vendo no fundo dos meus olhos, ele me disse tudo o que eu precisava ouvir. Que eu era uma criatura iluminada. Que havia um anjo tomando conta de mim. Que minha estrada estava aberta.

Ele adivinhou sobre a minha vida algumas coisas práticas e fáceis de acertar. Chutou algumas coisas também fáceis de chutar. Não falou em nenhuma desgraça, por-

que intuiu que, em caso de mais um desgosto, eu sairia dali sem deixar um tostão. Ele tinha o produto que eu queria para pronta-entrega: a esperança mais fuleira, uma ilusão de quinta categoria. Eu só necessitava de uma boa mentira para enfiar no bolso, uma mentira que ficasse comigo até pelo menos eu voltar pra casa. Ele me deu várias, eu paguei corretamente pela alienação que fui buscar e antes de eu ir embora ele colocou a mão no meu ombro e me olhou de um jeito que dava a impressão de estar mais assustado que eu: “Você vai atravessar paredes.”

— — —

No dia seguinte não choveu.

No dia seguinte não chorei.

Aceitei que deveria levar dentro de mim o projétil que não havia como retirar, a bala que se alojou num ponto que impossibilitava a extração. Um médico me diria, se eu tivesse procurado um médico, que é preciso se acostumar com esse corpo estranho e levar uma vida normal, como se nunca tivesse sido atingida.

Esse corpo estranho. A dor.

Continuo sentindo tudo o que sentia, mas já sem procurar lógica para esse sentimento atrofante. Sigo triste, mas menos catastrófica. A ansiedade que me empurrava ladeira abaixo deu uma desacelerada, já consigo ficar indiferente. Passei a ir ao cinema com mais frequência e tenho me encontrado com as amigas. A gente ri muito, parece que a vida sem você começa a ser possível de ser vivida. O homem que cruzava comigo no parque continua me cumprimentando com uma simpatia suspeita, e eu retribuo, sabendo que o máximo que pode acontecer entre nós dois é envelhecermos juntos todas as manhãs dizendo bom-dia ao cruzarmos nossos caminhos, pois a aliança que ele traz na mão esquerda me impede de fantasiar um romance clandestino – todas as mulheres do mundo estão a salvo de mim, eu não faria nenhuma delas sofrer por minha causa.

Minto quando digo que não procuro mais lógica. Eu ainda gostaria de entender. Li num livro que entender é limitado, e que não entender é libertador. Estou quase certa de que é Clarice Lispector. Gostaria de ser esperta o bastante para atingir esse salvo-conduto. Olho para trás, para o tempo em que formávamos um casal, e me dá a sensação de que estávamos atuando um para o outro, você minha plateia e eu a sua, cada um tentando desem-

penhar o papel dos sonhos do outro. Eu, sua mulher. Você, meu homem.

Hoje já não me sinto traída por você, e sim por mim mesma. Eu sabia desde o início que estávamos fadados a uma luta desigual, você mais bonito e mais instável; eu, mais centrada e vivida. Tão vivida que sabia que amores se constroem, basta um terreno propício, e terreno não nos faltava, dois recém-divorciados querendo voltar à ativa, amparar-se um no outro para virar a página dos fracassos anteriores. Um fracasso novo é o mínimo que se espera de qualquer relação.

Mas tivemos um fracasso majestoso. Um fracasso de cinema. Dois apaixonados brigando contra suas adversidades, dois apaixonados empunhando todo tipo de arma para se manter em pé, e quando deitados, os dois gozando vitórias, uma atrás da outra, dois heroicos, dois eróticos, dois sublimes. Fracasso de matar de inveja os que nunca experimentaram um.

— — —

É a pior morte, a do amor. Porque a morte de uma pessoa é o fim estabilizado, é o retorno para o nada,

uma definição que ninguém questiona. A morte de um amor, ao contrário, é viva. O rompimento mantém todos respirando: eu, você, a dor, a saudade, a mágoa, o desprezo – tudo segue. E ao mesmo tempo não existe mais o que existia antes. É uma morte experimental: um ensaio para você saber o que significa a morte ainda estando vivo, já que quando morrermos de fato, não saberemos.

Então é isso que começo agora, minha trajetória de morta-viva, com algumas horas mais mortas, outras mais vivas, dependendo do que me chega, se um convite para uma balada ou uma lembrança corrosiva que abate e me destrói. A cada meia hora, um estado de espírito diferente. À noite, meu cansaço é igual ao de um maratonista, é como se eu tivesse atravessado dezenas de quilômetros, entre subidas e descidas. Mas, ao contrário do que acontece nas atividades físicas, as descidas são as que mais consomem minha energia.

Soube que você segue com ela, aquela que não era significativa, aquela que não era importante, aquela que estava apenas te distraindo enquanto você não me esquecia.

Sua irmã me telefonou ontem para saber como eu estava. Nós nunca fomos íntimas, estranhei ela estar tão interessada na minha sobrevivência emocional. Foi ela que confirmou que você segue com a mulher a quem você não ama, a mulher pra quem você não está nem aí, a mulher que está te servindo como muleta enquanto você não me tira da cabeça. Sua irmã me contou isso como se o fato de você não demonstrar animação por essa que me substituiu fosse suficiente para não me fazer sofrer. Sua irmã sempre me pareceu meio tola, então vou desconsiderar esses comentários e tentar acreditar que ela não está sendo maledicente.

Afora a atualização pormenorizada da sua vida afetiva, ela deixou escapar algo que eu já suspeitava, mas não tinha certeza. Eu sabia que havia um troço esquisito em você que afetava a nossa relação, mas esse distúrbio é tão inédito pra mim que não consegui diagnosticar, ou talvez eu tenha preferido fazer de conta que tudo em você era autêntico e que a insana era eu, ao menos assim eu poderia repartir a conta do estrago e tentar salvar o que eu não queria que se rompesse, foi assim que passei dois anos me iludindo: está tudo caótico, mas tudo bem, a paixão é desse modo, eu apenas

não estou acostumada, apenas isso, mas vou me acostumar, todo mundo diz que amar desse jeito transtornado é normal.

Não era.